

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

QUINTINO CUNHA — Teles da Cruz — Fortaleza — 1944.

Encerra essa bela monografia uma conferência proferida a 16 de março de 1944, em homenagem póstuma da "Casa Juvenal Galeno", ao poeta cearense.

Difere êsse estudo de outros em que a figura de Quintino Cunha aparece circunscrita ao círculo das suas pilhérias e piadas, através de um anedotário muito difundido no norte brasileiro. Aqui, o perfil do poeta é focalizado sob aspecto mais sério e, talvez, menos visível aos olhos dos que não sabem ver com penetração psicológica. Teles da Cruz dá-nos realmente um Quintino Cunha á margem daquêle que nos é tão familiar como repentista de afilada verve epigramática. Vemos nessas breves páginas o lírico de inspiração fácil e correntia, que nos deu "O poder da miséria", o "Encontro das águas" ou "Comunhão da Serra" que correm os nossos sertões cantados como canções de acalento.

O chiste, o riso, o humor não são qualidades deprimentes. São dons superiores do espirito. Vêm de Juvenal, de Mollère, de Bocage, até do nosso Padre Correia de Almeida ou Paula Nel. Castigat ridendo mores.

Emílio de Menezes não soube conciliar admiravelmente êsses dois esplêndidos avatares? O artifice de alexandrinos inimitáveis não foi, a um tempo, o príncipe da sátira entre nós?

Teles da Cruz não lhe quis tirar o ar da sua graça ou negar-lhe a perícia de trocadilista exímio. Quis evitar o exagêro ou deturpação dos julgamentos equívocos. Deu-nos o reverso de seu gentilíssimo espirito de poeta, de homem de fé, de sentimentos puros, praticante da justiça e da caridade, que, através de uma existência cheia de episódios singulares, se impôs á estima e admiração dos seus contemporâneos. — M.L.

CENTENÁRIO DO SEMEADOR — Mário Linhares — Fortaleza — 1953.

Comemorando o centenário de nascimento de seu tio Francisco Alves Linhares a 1º de Junho de 1953, Mário Linhares proferiu bela oração na "Academia Cearense de Letras", quando foi aprovado um voto de exaltação á memória do homenageado.

Publicada em opúsculo, pode-se agora considerar a linda página que Mário Linhares incorporou á literatura cearense, onde seu nome figura em plano de relevo.

"Centenário do Semeador," como se intitula o folhêto a que nos referimos, é um repositório de evocação e saudade, havendo vários aspectos onde o vulto de Francisco Alves Linhares é exaltado com palavras de louvor e admiração, uma vez que foi êle protótipo de homem de bem, por suas virtudes cívicas e amor ao trabalho.

Mário Linhares, que é um infatigável pesquisador de fatos e datas da história cearense, emoldurou com frisos de ouro o retrato de seu venerando tio, mostrando às gerações hodiernas o que foi êsse varão vontadoso e probo, digno do respeito da posteridade. — **Carlyle Martins.**

CANTOS SEM GLÓRIA — Raul Machado — Edição definitiva — Pongetti — Rio de Janeiro — 1953.

Foi a última dádiva que recebemos das suas mãos generosas, antes da sua partida para a Europa, em busca de melhoras para a saúde. Pouco tempo depois, regressava no transatlântico "Provence", em cujo bordo faleceu, em alto mar, em plena viagem. Conhecendo próximo o seu fim, tentou em vão, num supremo esforço, voltar à pátria, para cerrar as pálpebras sob a carícia destes céus, que êle tanto cantara em estrofes magníficas. Sua morte foi um golpe muito rude para as nossas letras, para os seus amigos e admiradores, para os que sabem sentir a poesia na beleza das suas mais delicadas manifestações artísticas. Quem, como nós, desde a juventude, teve a fortuna do seu convívio, pode medir bem a grandeza de espírito tão singular.

Ainda estamos a vê-lo, em Recife, nos alvorôços da nossa irrequleta adolescência literária, ao tempo da revista "Hellópolis", participando dos nossos empreendimentos, com a fraterna alegria das almas simples, na mais despretençiosa das camaradagens, já quando, aos 18 anos, fôra celebrado como sucessor de Olavo Bilac, numa crônica, de larga repercussão em todo o país, publicada no "Correio da Manhã", por Osório Duque Estrada, em passagem pelo norte. Os seus sonetos **Lagrima de cêra, Postuma** ou **Na Praia** tornaram-se tão famosos como **Ouvir Estré-las**, de Bilac, ou **Mal Secreto**, de Raimundo Correia.

O notável poeta paraibano fizera-se, depois, magistrado, chegando a corregedor da Justiça Militar, após uma extensa carreira dignificada pela cultura, sentimento de justiça e inteireza moral. Disso deu sobêjas provas nas decisões de causas de suma importância para o regime e a nacionalidade.

A despeito do desempenho de funções tão altas, nunca a sua lira emudeceu. O estro alcandorado continuou, vibrante e fecundo, a dar-nos uma obra de grande harmonia e equilíbrio, de exímia pujança lírica, que o deixou entre os os príncipes da poesia brasileira.

Este seu último volume — "Cantos sem Glória — é uma seleção de poesias de **Cristais e Bronzes, Água de Castália, Asas Aflitas, Pássaro Morto, Poesias, A Lâmpada Azul do Sonho** e **Asas Libertas**, constituindo o precioso legado de uma inteligência peregrina.

A subversão modernista não conseguiu conspurcar-lhe a obra, que aí fica,

pura, cristalina, imarcescível, resistente à ação do tempo, como uma cousa definitiva. — M.L.

HISTORIA DA LITERATURA CEARENSE — Dolor Barreira — 3º tomo —
Fortaleza — Ceará

Continuando a execução do grandioso plano, que vem levando a efeito o Instituto do Ceará, da publicação de uma série de obras relativas à História da nossa terra, nos seus multiplos aspectos — surge a lume agora o 3º tomo da HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, a cargo do professor Dolor Barreira.

Tem sido notável o desenvolvimento que o autor dá ao seu trabalho, através de pesquisas acuradas, devassando épocas e individualidades, numa bela recomposição histórica da nossa vida beletrística, que ficará como um quadro demonstrativo do que intelectualmente tem feito este povo tão fustigado de adversidades mas tão forte nas suas determinações resolutas a caminho do futuro.

Abrange esse volume o período de 1911-1914 e discorre sobre uma pléiade de escritores que ficou circunscrita, na sua maior parte, ao âmbito provinciano: Júlio Olímpio, Genuino de Castro, Epifânio Leite, Carlos Gondim, Gustavo Braga, Irineu Filho, Virgílio Brandão e outros que encheram a sua época. E' de notar os três belos estudos referentes a José Albano, Antônio Sales e Pápi Júnior.

Sobre Pápi Júnior foi feita uma verdadeira reivindicação, pois, a seu respeito nada havia ainda sido coordenado no sentido de um estudo biográfico e critico.

Não é possível, de um trabalho desse porte, em via de execução, fazer-se um juízo definitivo, mas, é irrecusável a palavra de sincero aplauso pelo que já foi realzado com percucência e brilho. — M. L.

FORTALEZA VELHA — João Nogueira — Fortaleza — 1954

Num belo empreendimento à cultura e ao labor intelectual de nossa terra, a Secção de Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza, na administração de Paulo Cabral de Araujo, vem de publicar em volume uma série de crônicas da autoria de João Nogueira, subordinado ao título de — "Fortaleza Velha".

João Nogueira, que era filho do desembargador Paulino Nogueira, um dos maiores investigadores da nossa história, herdou o mesmo carinhoso interesse pela cousas da nossa capital. Nesse volume vê-se bem o seu apêgo à nossa gleba. Daí dar-nos, com vivacidade, o panorama dos dias pretéritos da urbe querida, numa recomposição tão grata à nossa sensibilidade.

A transformação por que passou Fortaleza, sem mais a simplicidade primitiva, deixou aos que ainda sobrevivem um fundo sentimento de recordação e saudade.

Se é verdade que o progresso lhe deu maior desenvolvimento, lustre e dinamismo, força é confessar que muita cousa evoluiu para pior. Haja vista abandono de alguns dos seus melhores logradouros. O Passeio Público, por exemplo, sem os gradis de ferro, aberto à sanha da promiscuidade, sem a longa fila de

bancos que, hierárquicamente, dividiam as avenidas, despojado dos atrativos naturais, deixou de ser o ponto preferido do escol cidadão. Isso sem lembrar a gloriosa Praça dos Mártires. A Praça do Ferreira — coração e cérebro da vida cearense — retalhada em vias de estacionamento de ônibus, com o mostrengo do abrigo central e seus botecos indesejáveis. A Praça do Patricínio transformada em feira livre, sem respeito à estátua de José de Alencar.

Em notas de um diário, escreveu Humberto de Campos, quando de sua passagem em Fortaleza: "Passei um pouco pela Praça do Ferreira, que dificilmente reconheço. Civilizaram-na. Tiraram-lhe os quioscos e o pinturesco. E eu sinto, no fundo do coração, saudade do Ceará antigo..."

O livro do inolvidável João Nogueira é do maior encanto para todos nós, os filhos da "loura desposada do sol".

Gustavo Barroso já nos dera, com o seu delicioso "Coração de Menino", páginas de grande força evocativa e "Fortaleza Velha" vem completar o quadro tão amorosamente delineado. — M.L.

RENATA — Angélica Coelho — Irmãos Pongetti — Rio de Janeiro — 1953.
TERNURA — Angélica Coelho — Fortaleza — 1953.

Os editores Irmãos Pongetti lançaram mais um romance da escritora conterrânea Angélica Coelho. A romancista de "Ritmos Humanos" havia conquistado, com esse seu primeiro livro, a palma de ficcionista, dona de um talento alvissareiro e de uma imaginação arroubada. Como poetisa, em "A Vida é uma saudade", seu estro mostrou a delicadeza de sentimentos que trilham os caminhos do coração, nos transportes do sonho e do amor, em versos cheios de mocidade.

Agora, com a publicação de seu novo romance — "Renata" — desvenda-nos melhor seu temperamento de artista que sabe criar, paralelamente, um mundo à margem da vida como espelho de tudo que a cerca, nos seus contrastes, lutas e paixões.

O "documento humano", de que falava Balzac, encontra em suas páginas a confirmação exata, porque vive ela as figuras da sua criação, na trama dos episódios, penetrando fundo nos abismos da alma, para trazer à tona da realidade, cenas bem vividas, no desfile dos acontecimentos movimentados com a força das cousas verídicas, sem artifício nem superfetação.

Depois desse romance deu, em seguida a autora, outro volume de versos — "Ternura" — que registra os melhores lances da inquietação da sua alma insatisfeita e ávida de sensações sempre novas, tonta de amor e de poesia. — M.L.

JANGADA — 2º e 3º trimestres de 1954 — Fortaleza.

Mais um excelente exemplar da revista — "Jangada" — órgão da "Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno", acaba de aparecer, com 232 páginas refertas de variada colaboração em prosa e verso, que bem reflete o denodado esforço das suas talentosas redatoras, particularmente da sua diretora Cândida Maria Santia-

go Galeno. A Casa do glorioso poeta popular realiza assim uma obra exemplar no tocante ao nosso desenvolvimento cultural, pelo que se torna digna dos mais francos aplausos.

IMAGENS E SOMBRAS — Costa Rego Júnior — Recife — 1953.

Esse distinto poeta, membro da Academia Pernambucana de Letras, tem nome feito em nossos meios beletrísticos. Vem da velha guarda da revista "Héllópolis", que fez época em Recife, entre os anos de 1913-1917.

Seu primeiro livro, publicado em 1916, — "Evoações e Panoramas" — teve grande êxito, pois sua poesia, numa quadra de rigidez parnasiana, não se deixou absorver pelos requintes da Forma; aprofundou-se no sentimento, na sinceridade das próprias emoções, de molde que seu verso traduzisse fielmente os íntimos tumultos do coração.

Para êle, a Poesia era tudo, a razão de ser mesma da existência. A sua mocidade, ao choque das mais ásperas vicissitudes, no afã de abrir caminho na vida, nunca deixou de guiar-se pelas aspirações mais generosas, no sentido das cousas espirituais.

Era o sortilégio da Poesia que lhe dava o toque mágico de um ânimo sempre renovado.

Esse novo livro — Imagens e Sombras — reafirma os merecimentos intelectuais de Costa Rego Júnior. São poemas evocativos que nos dão imagens da sua terra cujas paisagens nos fazem rever os aspectos encantadores da cidade maurícia, com os seus rios, pontes, manhãs, flores e pássaros. Na segunda parte, — Sombras — há páginas de funda sensibilidade que dizem da delicadeza dos seus lances líricos.

As letras pernambucanas estão de parabens com a publicação desse volume que é o reflexo condigno dos foros literários da terra de Joaquim Nabuco. M.L.

ALGUNS ENSAIOS — Oliveiros Litrento — Recife — 1954.

Do velho Recife de tantas tradições intelectuais chega-nos o livro de Oliveiros Litrento, "Alguns Ensaio".

O autor é um homem de letras de qualidades positivas, cujos trabalhos, "Deolindo Tavares", "Aloisio Branco, poeta de Manguaba" e outros publicados nas colunas do glorioso "Diário de Pernambuco", têm sido lidos e enaltecidos por figuras de prol do mundo cultural da terra de Joaquim Nabuco.

No volume que temos sobre a nossa banca, encontram-se vários estudos, escritos com bom senso e conhecimento dos assuntos versados, a respeito de prosadores e poetas eminentes, patricios e estrangeiros.

Destaca-se, dentre os capítulos, o alusivo a Jorge de Lima, o inolvidável cantor de "Invenção de Orfeu", autor interpretado de modo brilhante pelo ilustre confrade. A mensagem poética do grande aêdo alagoano, que no seu canto de cisne revelou a máxima capacidade criadora do talento de que era dotado, teve em

Oliveiros Litrento não apenas quem a compreendesse vagamente, mas um artista capaz de senti-la de modo intenso.

A vocação de ensaísta e crítico, atributo do jovem escritor, está patenteada nessas páginas de agradável leitura e nas demais que compõem a obra em apêço, digna de encômios. — M.A.A.

HISTÓRIA LITERÁRIA DO CEARÁ — Mário Linhares (Edição da Federação das Academias de Letras do Brasil, 1948.

A propósito desse livro de Mário Linhares, escreve-lhe o ilustre escritor Castilhos Goycochêa a seguinte carta; datada de 18 de Janeiro deste ano:

“Com afetuoso abraço venho lhe agradecer, novamente, o presente da sua “História Literária do Ceará”. Na primeira vez, agradei apenas o livro com que me brindou tão gentilmente quando o encontrei na séde da Federação. Agora, o agradecimento é pela bondosa dedicatória que após no volume, e principalmente pelo que me ensinou sobre os homens de letras da sua província natal — sem dúvida uma das terras mais interessantes do Brasil, porque verdadeira incógnita social ainda não achada por qualquer especialista no gênero. A propósito dessa assinalada singularidade que é o Ceará, posso lhe dizer que o Vicente Licínio Cardoso, “o irmão que a vida me deu”, uma magnífica compleição de sociólogo, tinha em mente, ao morrer pesquisar as razões específicas que fizeram do cearense um homem diferente na comunhão nacional; sua acentuada vocação para os negócios, em que sempre obtem bom êxito; sua extraordinária capacidade para os trabalhos mais difíceis; sua coragem para emigrar em busca de aplicação para a própria energia estuante; seu acendrado amor à família e à clã. Veja que êsses traços característicos são sedutores a mais não serem. Tempo houve em que andei coligindo elementos que me permitissem meter ombros à empresa sonhada por meu cunhado; creio, porém, que o tema terá que ser desenvolvido por outro, mais jovem e com maior capacidade.

Votando ao assunto do seu trabalho, devo dizer-lhe que é magnífico, quer as partes preliminares, nas quais fez o histórico do Ceará como base telúrica de tantas vocações literárias, quer a parte mais extensa, porque informativa.

Eloquente na simplicidade da exposição.

Uma espécie de dicionário bio-bibliográfico dos cearenses que se notabilizaram no culto das boas letras portuguesas nesta nossa infável América Ibérica. Nada de tentativas de explicação erudita que poderiam tê-lo conduzido a resultado pouco satisfatório ou menos interessante do que conseguiu.

Assim é, meu caríssimo confrade e amigo, que só me resta, depois dos agradecimentos que fiz, felicitá-lo de todo coração, augurando para seu livro as honras do classicismo. E com isso, Mário Linhares, lhe asseguro que tenho orgulho de sua companhia na Academia Carioca de Letras e que me desvanço da sua amizade. — CASTILHOS GOYCOCHÊA.

OS LINHARES (2a. edição) — Mário Linhares — Pongetti — Rio de Janeiro — 1954.

Bati dum fôlego — “Os Linhares” — e repito, em oitava acima do diapasão

normal, meu iouvor pelo seu esôrço amoroso e místico, livrando da lei da morte a história linda da sua família. — Luis da Câmara Cascudo.

LIVROS E IDÉIAS — Mosart Soriano Aderaldo — Fortaleza — 1954.

Esse belo volume reúne uma série de críticas e ensaios, publicados em periódicos desta capital. Bem acertado andou o autor em compendiar os seus artigos, dando-lhes existência mais duradoura, de modo a poderem ser melhor divulgados e apreciados como demonstração de uma inteligência culta e equilibrada, que sabe abordar os assuntos com seriedade e penetração, num momento de confusão geral, quando somos arrastados áquele estado de conturbação psíquica, que Nietzsche chamaria de "anarquia dos instintos".

A justeza e segurança das suas idéias, com base nos preceitos evangélicos, fê-lo orientar a sua crítica com a superioridade de uma cerebração moça, que compreende a responsabilidade do escritor em face dos graves problemas do convulsivo momento por que passa a sociedade moderna.

Ensaio como — **Conceito da Democracia, Política Socialista, A Igreja e a Questão Social, Exame de Consciência ou Assunto dos nossos Dias** são pedras de toque da vibração de um espírito sadio, de percuente visão intelectual, posto a serviço das mais nobres idéias e dos propósitos mais generosos — M.L..

COMO APRENDER HOMEOPATIA — Dr. Correia de Araújo — Rio — 1950.

Nesse excelente volume enfeixou o Dr. Correia de Araújo sábias lições de medicina homeopática, que mostram a agudeza mental de um estudioso em tal assunto. O autor é cearense e se fêz, como tantos outros filhos desta gleba de sol, a custa do próprio esforço, escalando penhascos, para atingir o cimo das suas legítimas aspirações. Acompanhámos de perto a sua marcha resoluto, desde os primeiros tempos, nas várias etapas da sua atividade. Educou-se no seminário episcopal de Fortaleza; foi professor do Patronato Agrícola de Monção, em São Paulo; funcionário da Inspetoria de Obras Contra as Secas, no Nordeste; engenheiro da Inspetoria de Portos; formado em medicina, em 1934, e proprietário de farmácia no Distrito Federal. Como médico, devotou-se à Homeopatia de que se fêz apóstolo como Dias da Cruz, Eneas Dias, Martinho e outros que fizeram da ciência de curar um sacerdócio, num tempo de cavações a todo o preço.

Á doutrina de Hahnemann, pela sua lógica racional e sentido humano, fê-lo um idealista e daí a sua existência iluminada por um sentimento bom de propiciar aos clientes os meios naturais de reconquista da saúde e felicidade.

Através das páginas deste livro tem-se a noção clara do que é a verdadeira medicina pelo conhecimento exato da lei dos semelhantes, do quanto vale e alcança a Homeopatia, pela sua simplicidade e eficiência, fora da superstição dos

remédios, sem a complexidade dos esculápios oficiais. A amplitude com que foi cuidada a matéria, com magníficas explanações nos diversos capítulos, na elegância de uma linguagem sugestiva, dá-nos a impressão de um verdadeiro tratado de medicina homeopática, a que todos devemos recorrer, com absoluto proveito.

Merece o autor as nossas palmas pelo talento e proficiência com que soube levar a cabo uma obra de tanta relevância. — M. L.

A FAMÍLIA MONTEIRO DE BARROS — Frederico de Barros Brotero — São Paulo — 1951.

Trata-se de um precioso repositório de informações sobre uma das mais ilustres famílias do nosso país.

A realização de tão importante trabalho é um desses magníficos esforços que por si só, nobilitam a existência de um homem e atestam a superioridade dos seus sentimentos, conduzidos por uma feliz inspiração.

Constituem essas páginas uma reação contra o grosseiro materialismo dominante em nossos dias, em que o culto da recordação é relegado a um plano inferior.

Felizmente, nem tudo está perdido. Há ainda os bons semeadores que não plantam em terreno sáfaro; sob as suas mãos as boas sementes brotam e frutificam em frutos surpreendentes.

A prova está na obra meritória realizada por homens da força dos Fredericos de Barros Broteros, que sabem reagir e dar a lição de trabalho, de dignidade, de patriotismo e sabedoria. — M. L.